

Seg, 19 de Maio de 2014.
06:04:00.

VALOR ECONÔMICO | EU & CULTURA
ANCINE | AGÊNCIA NACIONAL DE CINEMA

A parceira dos latinos em Cannes

Por **Ana Paula Sousa** | Para o Valor, do Rio



Criada em 2001, Bananeira **Filmes**, empresa de Vânia Catani, tem se destacado pelas coproduções internacionais

Na noite de hoje, a produtora Vânia Catani, nascida em Montes Claros (MG), fará a "montée des marches" do Festival de Cannes ao lado do ator mexicano Gael García Bernal e da atriz brasileira Alice Braga, protagonistas de "El Ardor", coprodução entre Argentina, Brasil, França e EUA.

Não é a primeira vez que Vânia tem um filme exibido na meca do chamado cinema de autor. Há seis anos, "A Festa da Menina Morta" (2008), dirigido pelo ator Matheus Nachtergaele, havia sido selecionado para a mostra paralela Un Certain Regard. Trata-se, porém, de sua primeira sessão de gala, com direito à subida da escadaria forrada com o imenso tapete vermelho que leva ao Grand Palais.

"É engraçado, mas, apesar de ter ficado superfeliz, não comemorei como quando soube que 'A Festa...' estaria lá. Daquela vez, fiquei doida. Acho que era tudo mais novo. Ou fui eu que mudei. Não sei", diz Vânia, sentada à mesa de reuniões da Bananeira **Filmes**, instalada no 12º andar de um prédio da rua da Glória, no Rio, com vista para a marina. De fato, de lá para cá, muita coisa mudou.

Criada em 2001, sua empresa é hoje uma das mais prestigiadas produtoras do cinema independente brasileiro e tem se destacado pelo número de coproduções internacionais. "El Ardor", que será exibido em sessão especial do Festival de Cannes, foi dirigido pelo argentino Pablo Fendrik e produzido em conjunto pela Magma Cine (Argentina), a Manny Films (França), a Bananeira e o grupo Participant Media (EUA), que está por trás de títulos como "Boa Noite e Boa Sorte" (2005), "Nação Fast Food" (2006) e "No" (2012). "O filme foi crescendo muito, e estou preparada para, internacionalmente, ficar meio fora dos holofotes. Mas sabemos que o primeiro dinheiro que entrou no projeto foi brasileiro", diz Vânia, que, assumidamente, se envolve nos aspectos artísticos, e não só financeiros dos projetos.

Há ainda um segundo filme argentino selecionado para esta edição de Cannes, "Jauja", de Lisandro Alonso, que carrega nos créditos o nome da Bananeira. "Nossa participação foi pequena. Fiz a intermediação para que o Canal Brasil entrasse no filme. Mas o Lisandro, que conheci em Cannes há dez anos, nos colocou como coprodutores. Tô virando a miss Argentina", brinca, sob uma sonora gargalhada.

A Bananeira tornou-se também coprodutora de "Zama", próximo filme de Lucrecia Martel ("O Pântano"), nome de proa do cinema latino-americano. Os argentinos, por sua vez, entraram em "Mate-me por Favor", longa de estreia da brasileira Anita Rocha da Silveira, filmado no Rio e finalizado em Buenos Aires.

Foi de festival em festival, de encontro em encontro, que Vânia começou a tecer a teia das

amizades e dos conhecimentos que a levaria ao lugar no qual está. "Foi um processo natural. A gente vai conhecendo as pessoas, os projetos vão surgindo. Não saio para prospectar. Nesse sentido, não sou uma mulher de negócios. Sou uma mulher de paixões", diz.

Aos 51 anos, Vânia transborda energia e parece não fazer questão de modular emoções. É do tipo que fala o que pensa e, às vezes, fala como quem briga. Sobre o momento atual, diz apenas que se trata de um caminho natural. "Acordei, levantei comigo e saí de casa para trabalhar todos os dias ao longo desses anos", afirma. "Não tem surpresa para mim. Podia ter dado errado. Não deu. Ao mesmo tempo, sei que essa relativa notoriedade passa."

"Nós, produtores, não fomos formados para ser empresários. A política da Ancine nos converteu em empresários", diz Vânia

Apesar de natural, esse caminho nada tem de óbvio. Criada na paisagem sertaneja, numa cidade pequena, Vânia sonhava sonhos grandes, como o de conhecer o mundo. Engravidou antes de entrar na faculdade e, já criando filho e trabalhando, tentou voltar a estudar, mas não deu conta. Foi na Universidade Federal de Minas Gerais que tomou contato com a turma que a transformou em produtora musical. A experiência adquirida nos eventos do centro acadêmico serviu de cartão de visitas para os empregos na **Secretaria de Cultura** de Minas Gerais e na TV Minas.

Na emissora, a produtora aproximou-se do grupo que deu forma e fama à videoarte mineira. Fisgada pelo universo audiovisual, largou emprego e salário no fim do mês para tomar parte da equipe de "O Menino Maluquinho" (1993), rodado em Belo Horizonte. Naquele momento, o cinema brasileiro definhava: em 1994, sete filmes nacionais chegaram às telas.

O cinema só voltaria a bater à sua porta em 1997 quando, de volta à TV Minas, recebeu um telefonema de Pedro Bial. Por recomendação de uma amiga comum, o jornalista convidou-a para participar da produção de "Outras Estórias" (1999), que seria rodado em Montes Claros. Ao longo do processo, passou de produtora local a sócia do filme. Seu talento para botar um filme de pé e levantar recursos impressionara Bial, que convidou-a também para abrir uma produtora.

"Eu me mudei para o Rio, mas, no meio do processo, o Pedro ficou tão frustrado com as dificuldades de se lançar um filme, de chegar ao público, que desistiu da produtora." Como não apenas tinha mudado de cidade, mas também engatilhado, com Eliane Caffé, o projeto inaugural da Bananeira, "Narradores de Javé" (2003), ela achou que não tinha como voltar atrás. "Afortunadamente, nesse momento estava se iniciando uma política para cinema", diz. "A Bananeira existe graças a essas políticas, que podem ser criticadas, mas que possibilitaram o surgimento de novos atores no setor. Antes, só havia balcões que favoreciam quem tinha mais contato."

Vânia é uma entusiasta do momento atual do cinema brasileiro. É, ainda, partidária da ideia de que uma cinematografia é composta por todos os tipos de filmes e de que o "blockbuster" nacional não rouba, necessariamente, espectadores de títulos menores, uma vez que os alvos são distintos.

O próximo filme na fila da Bananeira é um projeto de José Luiz Villamarim, diretor de "Avenida Brasil" e de outras novelas e minisséries da Rede Globo. "O Redemoinho", seu primeiro longa, começa a ser rodado em setembro e tem o apoio da Globo**Filmes** - que apoiara, antes, outros dois filmes da produtora, "O Palhaço" (2011), de Selton Mello, e "Billi Pig" (2012), de José Eduardo Belmonte.

"Todos os países do mundo que querem ter indústria têm um cinema comercial, que convive com aquele mais independente. Ter resultados financeiros é importante para que as políticas e as verbas sejam mantidas."

O exercício do equilíbrio num mercado tão complexo quanto o cinematográfico fez com que Vânia, de produção em produção, fosse entendendo que os preconceitos em relação a um ou a outro tipo de filme são, quase sempre, armadilhas. Ela gosta de contar que, pessoalmente, seu maior ganho com o fato de "O Palhaço" ter participado da campanha pela indicação ao Oscar, em Los Angeles, foi a perda do preconceito contra a indústria hollywoodiana.

"Como podia dizer que cinema americano não me interessa se todo o cinema que me formou era americano? Eu tinha um lance errado com os EUA, que, claro, era ideológico. Na sala de Montes Claros só chegavam filmes americanos e 'westerns' italianos, então é óbvio que eu adoro cinema americano."

Apesar de ter feito as pazes com os EUA, seu sonho atual não tem nada de hollywoodiano. É puramente bolivariano. "Eu queria mesmo era produzir com todos os países da América Latina.

Queria fazer um filme com a Bolívia, um com a Venezuela... Tenho essa viagem", diz ela, que, além das coproduções argentinas, tem uma com a Colômbia, "La Playa DC" (2012).

"Nem acho que as coproduções sejam um bom negócio em si, mas o resultado é sempre um bom negócio", argumenta. "Quando vejo o Pablo [Fendrik, de "El Ardor"] dizendo que, no próximo filme, quer ter a [brasileira] Kika [Lopes] como figurinista de novo ou quando vejo o Gael [García Bernal] chamando o [ator] Chico Díaz de maestro, vejo que aconteceu alguma coisa, que teve um resultado efetivo."

É fato, também, que os números do audiovisual são cada vez mais significativos. "Depois de dez anos da implantação das políticas setoriais, as pessoas mais ligadas à área financeira e de perfil corporativo começam a ver o que a gente faz como negócio", afirma. Lembrando que o Fundo Setorial do **Audiovisual** tem, atualmente, recursos da ordem de R\$ 400 milhões, Vânia aposta que o casamento entre investidores e produtoras independentes é iminente, inevitável e saudável. "Adoraria que isso acontecesse. Nós, produtores, não fomos formados para ser empresários. A política da **Ancine** [Agência Nacional de **Cinema**] nos converteu em empresários, mas não é fácil tocar um negócio desses, não", diz. Sua produtora, neste momento, tem dez funcionários contratados; há dois meses, durante as filmagens de "Mate-me por Favor", tinha 70.

Mesmo vivendo em ritmo acelerado, Vânia bate na tecla de que, apesar de trabalhar muito, não trabalha mais do que a média dos brasileiros. O que há de particular, em seu caso, é que domingo não é domingo e que a mala está sempre à mão. "No fim do ano passado, me dei conta de que não tinha ficado nem um mês inteiro no Rio. E rolou uma coisa estranha: me senti incomodada em casa, não conseguia aquietar, tinha vontade de viajar de novo", conta. "É um jeito de viver, mas de viver sozinho."

Vânia acabou de ler o segundo tratamento do roteiro do novo trabalho de Selton Mello. "Fiquei extasiada. Estava chorando de emoção quando o telefone tocou. E aí era só realidade, a mais complicada realidade. Essa é minha vida: tem momentos incríveis, fortíssimos, e tem muito trabalho duro, às vezes, infernal." Na noite de hoje, na Riviera francesa, Vânia viverá, certamente, um desses momentos incríveis, fortíssimos.